

'Rolê' no Zerão: o jovem no espaço urbano

À partir da categoria de *conflito de gerações* de FORACCHI (1972), e da própria noção de *geração* presente em MANNHEIM (1968) procuro pensar o lazer e permanência de jovens em espaços públicos me inspirando pela família de categorias de MAGNANI (1992; 2003), relacionando também ao enquadramento socioeconômico desses jovens, que muitas vezes vêm de bairros periféricos para o centro e ocupam esse espaço com atividades culturais de resistência, me focando na *batalha de rima* que acontece na Área de Lazer Luigi Borghesi, conhecida como *batalha da concha*. O intuito desse trabalho é realizar uma observação do evento que ocorre no centro da cidade e utilizar esse trabalho como forma de pensar cultura como forma de resistência.

Palavras-chave: Juventude, resistência, espaço público, cultura *hip-hop*, gerações.

Esse trabalho traz como inspiração a obra de MAGNANI (2003), *Festa no Pedaco*, principalmente pelas categorias trabalhadas pelo autor que permitem pensar relações socioespaciais entre as periferias e o centro da cidade através do *locus* de lazer. O “pedaço” na verdade seria um ‘porto’ de relações prévias entre frequentadores que não necessariamente se conhecem, “mas se reconhecem: venham de onde vierem, trazem na roupa, na postura corporal, na linguagem, os sinais de seu pertencimento” (*ibidem*, p.12).

O procedimento metodológico da pesquisa está sendo a observação participante dos eventos culturais articulados semanalmente pela própria juventude que ocorrem nas escadarias da Área de Lazer Luigi Borghesi, conhecida em Londrina como ‘Zerão’. É um espaço público e os eventos consistem basicamente em *dubs*, *saraus*, *batalhas de rima* (com a participação da plateia), e outros eventos sempre articulados com diferentes estilos musicais. Se podia ver a presença da juventude marcada pelas pichações e grafites no palco da escadaria (imagem 1), embora o palco tenha sido pintado de cinza em outubro de 2019(imagem 2).



Figura 1 - Anfiteatro do Zerão anteriormente. Disponível em: <https://www.pacocacomcebola.com.br/geral/anfiteatro-do-zero-grafite-virou-uma-bou-solucao/>. Acesso em: 16 dez. 2019.



Figura 2 - Anfiteatro do Zerão atualmente (13 dez. 2019).

Essa foi uma ação da prefeitura de Londrina, e se estendeu não só nesse espaço mas em outros grafites do centro. Como no muros do cemitério São Pedro, onde vários grafites foram feitos entre 2018 e 2019 e apagados por tinta cinza, embora nesse espaço se possa observar que novos grafites foram feitos (imagem 3).

A política da prefeitura contra o grafite e a pichação nos muros de Londrina muito se assemelha à política do prefeito de São Paulo, do governo João Dória, que apagou a arte de rua presente na avenida 23 de Maio deixando apenas oito murais. Em fala, o prefeito Dória defendeu que o grafite seria bem-vindo desde que autorizado, e posteriormente foi lançado projeto de

escola de grafite pela prefeitura, como forma de financiar arte nos muros da cidade desde que essa arte não tenha cunho político e religioso, novamente segundo o próprio prefeito.¹



Figura 3 - Parte do muro do cemitério São Pedro (13 dez. 2019)

A prefeitura de Londrina parece então seguir uma tendência de higienizar o espaço público das pichações, dando espaço apenas para formatos de graffiti artísticos mas não críticos, apenas o que é autorizado, pintando aquilo que é feito sem autorização e punindo aqueles que forem pegos pichando, já que é considerado crime ambiental. No entanto, se lançarmos um olhar ao grafite (que inclui a ‘pichação’) como modo de expressão e arte podemos incluir esse como uma expressão *hip-hop*, conforme se lê em PROSSER (2009):

Tanto o graffiti quanto o picho existem, pois, desde tempos imemoriais e estiveram presentes nas mais diversas sociedades. No âmbito da arte de rua atual, estas manifestações textuais e/ou imagéticas configuram diferentes estilos e passaram, ora mais, ora menos, a integrar o hip hop.

A autora (*idem.*) afirma que a arte urbana de grafite representa uma expressão dos conflitos sociais entre o jovem e o *outro*, já que estão relacionados com conceitos-chave como resistência, identidade e pertencimento. São parte de um enfrentamento ideológico que é traduzido em inscrições e pinturas no espaço urbano. Então ilegal ou não, o graffiti não

¹ ‘Doria passa tinta cinza e apaga grafites da avenida 23 de Maio’. Folha de S. Paulo, São Paulo. 22 jan. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/01/1852162-doria-passa-tinta-cinza-e-apaga-grafites-da-avenida-23-de-maio.shtml>>. Acesso em: 9 dez. 2019.

&

SOUTO, Luiz. ‘Após guerra aos pichadores, João Doria ataca de grafiteiro’. Jornal Globo, São Paulo. 28 mai. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/apos-guerra-aos-pichadores-joao-doria-ataca-de-grafiteiro-21405403>>. Acesso em: 9 dez. 2019.

autorizado é uma expressão social de algo e está muito ligado a juventude e as críticas geracionais que se expressam na rua.

O espaço do zerão é então utilizado como um território da cidade onde o jovem marca sua presença com expressões coletivas de resistência que se traduzem na arte, tanto nos muros quanto nos eventos de *Rap*, como a batalha de rima. Esse espaço se torna ‘pedaço’ urbano da juventude, onde seus frequentadores se “*reconhecem* enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes” (MAGNANI, 1992).

O processo metodológico dessa pesquisa foi a observação participante de um evento frequentado e sustentado uma boa quantidade de jovens em Londrina, Paraná. Acho relevante inserir algumas observações empíricas nas discussões sobre *conflito geracional* (FORACCHI, 1972). Além de pensar as *estratégias* de resistência da juventude através de eventos públicos no centro da cidade e suas proximidades.

Rolê no zerão

Como escreveu GEERTZ (1992, p. 32), “*locus* de estudo não é o objeto do estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam nas aldeias”. Se tratando então de uma etnografia como descrição interpretativa da cultura, tratando desse evento a partir de meu olhar nos eventos *hip-hop* que se tornam evento cotidiano das noites de sexta londrinenses.

As ‘batalhas de rima’ (ou ‘batalha da concha’) acontece semanalmente as sextas feiras no anfiteatro do zerão tomando como competidores voluntários da plateia (na maioria homens, mas também com a participação de mulheres, eventualmente) que dão seus nomes para participarem de disputas de rima com os outros inscritos. O ganhador estará inscrito em outras batalhas onde apenas competem os ganhadores de batalhas anteriores e ganha a ‘folhinha’, “ papel onde os organizadores da Batalha anotam os nomes que avançam na chave conforme os enfrentamentos vão sendo definidos” (SILVA, 2019).

O nome ‘super concha’ se dá pelo histórico desse movimento que organiza as rimas do zerão que começou em outro espaço bem mais central na cidade, a Concha Acústica (figura 4). Embora tenham mudado de local mas mantido os eventos de rima desde 2014, segundo um dos organizadores do evento, teriam sofrido ‘uma grande opressão policial’ e serem agredidos com ovos jogados pelos moradores dos prédios ao redor².



Figura 4 - Parte do muro do cemitério São Pedro (13 dez. 2019)

Os eventos, conforme pude observar no Zerão começam com um sorteio de duplas que irão rimar. Enquanto um DJ toca um ‘beat’ (música que serve como andamento rítmico) no fundo, os competidores trocam 2 ou 3 rimas se alternando (2x2) e o melhor de 3 rounds vence, eliminando o perdedor. No final de cada round o organizador diz “barulho muito barulho quem acha que (*fulano*) ganhou esse round”, então ganha aquele para que a plateia fizer mais barulho.

Esse encontro nas sextas de vários jovens no espaço público do zerão é uma comumente chamada em Londrina de “Rolê³ do Zerão”; pelo espaço ser conhecido por todos que moram na cidade e esse ‘rolê’ também, grande parte do público desse encontro não mora no centro, vêm dos bairros periféricos de Londrina e aproveitam aquele espaço dessa maneira. - Em geral, o evento dura até em torno das 23h00, e após isso uma parte fica lá mesmo sem a música.

Uma outra parte dos jovens que partem do zerão sem a intenção de ir para casa costumam continuar nos arredores do zerão, embora essa parcela tenha diminuído bastante desde que foi aprovada a lei seca municipal de Londrina, que pune com multa quem estiver bebendo em

² Conforme vídeo, disponível publicamente no facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/wmchiphop/videos/10216098679999791/>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

³ Jargão que significa ‘passeio’, ‘dar uma volta’.

espaço público após as 22h00. Os jovens que tinham um trajeto próximo costumavam ficar nos arredores em postos de gasolina e outros locais que vendem bebidas alcóolicas.



Figura 5 - 'super concha' comemorando a 50ª batalha da concha do ano (13/12/2019)

Pensando em MAGNANI (2003) o 'pedaço' e os 'trajetos' urbanos revelam “um componente de ordem espacial, e que corresponde uma determinada rede de relações sociais” variadas que influenciam sua rede de relacionamentos e sua identidade. Porém, os moradores do centro da cidade nunca tiveram uma relação amistosa com esse trânsito e permanência de *outsiders* nesses espaços. No rolê do zerão há uma certa tolerância, embora a reprodução dessas batalhas de rima estejam cada vez mais ameaçadas pela própria prefeitura, de quem os organizadores precisam de aval para que haja esse 'rolê'.

O espaço do posto torna-se importante nesse contexto como uma outra perspectiva que traz dados sobre uma 'higienização' do centro da cidade do jovem (e até mesmo adultos em muitos casos) que preferem ficar no espaço público em seus momentos de lazer. De certa maneira se trata sim de um conflito intergeracional entre a juventude e os moradores do centro em que a juventude resiste nesse espaço mesmo sendo criminalizado de maneira indireta como

pelo projeto de lei seca que atinge frontalmente quem tirava seus momentos de lazer em espaço aberto e não dentro dos bares da cidade.

O projeto de lei municipal (nº 12.744/2018) proposto pelo poder executivo, no governo Belinati, proíbe o consumo de bebidas alcoólicas nas vias públicas de Londrina e tem sido posta em prática pela Guarda Municipal de Londrina, como tecnologia social de controle e repressão policial já que multa em quinhentos reais quem for pego com bebidas em via pública e mil reais o estabelecimento responsável pela venda deste bebida alcóolica. Torna delinquente quem faz um rolê na rua e submete à multa aqueles que escolherem beber em espaço público. É uma forma de institucionalização ainda maior da opressão policial a esses jovens; tornando delito o comportamento normal e reforçando a exclusão de certos agentes no centro da cidade e seus arredores.

As disputas pelo espaço social se dão de muitas formas e a resistência desse movimento está em não deixar de utilizar o espaço público apesar do estigma social que os jovens de periferia tem no espaço urbano do centro, seja na ação policial, na ação da prefeitura ou ação de moradores revoltados. O espaço urbano não é para a permanência do jovem se esse não está estudando ou trabalhando.

Pude observar lendo o texto de SILVA (2019) que a batalha da concha é uma de um circuito de batalhas de rima que acontece em londrina, organizado por grupos de jovens, sendo as outras em bairros periféricos: ‘batalha do hemp’ (zona oeste), ‘batalha do cinco’, ‘batalha do galo’ e ‘batalha do antares’ (zona norte). Segundo o autor :

A Batalha do Galo é o único evento realizado em um estabelecimento comercial, o Maloko's Bar. Todas as outras, Hemp, Cinco, Antares e Concha, ocorrem em locais públicos de Londrina, nesse sentido, percebe-se que tal categoria não se enquadra nas delimitações dessa pesquisa.

Acredito que a categoria fundamental de MAGNANI (2000) para entendermos essas batalhas seriam os *circuitos* urbanos que ocorrem entre esses eventos mas entendendo não cada evento como uma *mancha* mas os espaços públicos em que eles são organizados, que embora não sejam necessariamente fixos, são com certeza necessários. De certa maneira é possível

observar que as ‘batalhas’ conseguem tornar o *circuito* parte do *pedaço* desses jovens, seja o zero ou os espaços públicos próximos a seus bairros.

Conforme SILVA (2019)

As batalhas podem ser divididas em dois tipos principais: [1] batalha de sangue e [2] batalha de conhecimento. Na categoria sangue [1], o rap de improviso consiste em atacar e/ou responder o adversário, o tema é livre e os competidores utilizam suas habilidades para zombar ao máximo seus concorrentes. Já na modalidade conhecimento [2], a proposta é desenvolver o improviso sobre determinados temas pré-concebidos, ou seja, o MC que compete neste tipo de disputa deve rimar sobre uma temática sorteada e/ou selecionada para a competição, como por exemplo: política, juventude, sociedade, polícia, dinheiro, educação, etc.

Em ambos casos se trata de uma disputa de habilidade artística, embora no segundo caso se possa observar uma acentuação do caráter de crítica social que o *rap* pode ter, e que será tratado nessa segunda seção.

A disputa simbólica da cidade e conflito de gerações

Segundo MANNHEIM (1964, p. 542-3 *apud* MOTTA & WELLER, 2010) o conceito de geração não é ligado apenas a uma questão biológica mas a uma necessidade de *conexão geracional* que se traduz em um certo tipo de “participação em uma prática coletiva, seja ela concreta ou virtual, que produz um vínculo geracional a partir da vivência e da reflexão coletiva em torno dos mesmos acontecimentos”.

Podemos compreender um circuito urbano ligado pela cultura do *Rap* (e portanto, *hip-hop*) em que há trocas culturais de linguagens, gostos e ideias e compartilham o uso do espaço da cidade mediante práticas sociais, de grupos e de determinados atores que constituem suas identidades no interior desse espaço. Os usos desse espaço estão articulados com a utilização dos espaços urbanos por jovens moradores dos espaços de periferia frequentemente.

Pensando o movimento operário europeu BOURDIEU (1980, p. 270) trata a construção da identidade articulado com a *representação* (em um sentido de ‘teatro’ social, para além do de delegação política) que constitui formas de ‘oferta linguística, oferta de discursos já constituídos e de modelo de ação coletiva’, dando o exemplo das greves ou manifestações. Nesse caso se trata de uma representação coletiva ligada a cultura *hip-hop*, mas ainda assim construindo como representação de um grupo das periferias por meio de oportunidade de lazer e cultura, que muitas vezes não existe na própria periferia; a oferta de espaços de cultura está muito restrita a bairros centrais ou de classes médias altas.

A região central da cidade é um dos espaços adotados pelo circuito de batalhas de rap, além de bairros na zona norte e oeste. Há procura dos jovens por esse evento cultural exatamente pela falta desse tipo de recurso no próprio bairro, por exemplo. Acredito que a ‘batalha de rima’ se trata de um evento onde o conflito de gerações toma uma forma artística (e portanto, cultural) que se vê como um canal de crítica ao *status quo* social. O conflito de gerações de caracteriza como um comportamento de ruptura em relação a certos valores da geração anterior. O conflito se dá quando há uma ruptura abrupta entre aspectos do legado cultural, segundo FORACCHI (1972, p. 25)

existem aspectos do legado cultural que originalmente se afirmam como capazes de absorver redefinições, de incorporar crítica e de, não obstante, persistirem, intangíveis. O conflito se estabelece quando a crítica não é absorvida, quando as tradições mais ricas perecem na apatia, no conformismo, na negação de si. As barreiras de idade são irrelevantes nesse conflito que é de valores, de adesões prévias.

O que ocorre é um *gap* profundo entre os valores sociais e valores adultos que estão adequados a um *status quo* capitalista e a desigualdade sentida pelos jovens, que expressam sua indignação e crítica através da música. Como podemos ler em COLIMA & CABEZAS (2017) o rap surge através do segmento social do oprimido e segregado, à partir de fortes estigmas sociais que se materializam através da desigualdade social, criticando comumente em nível semântico a violência institucional.

Para os autores (*idem*) o discurso do *rap* é um discurso político de resistência e “apontaria para a desarticulação da ordem social estabelecida”. O que significa pensar os eventos de batalha

como grandes espaços de fala para a crítica social, atos de resistência, oposição e protesto. Torna-se uma forma de expressão do jovem marginal e uma forma de ocupação política do espaço público.

Conclusões

A batalha se trata então de uma maneira de ocupar o ambiente da cidade e um evento de lazer gratuito que une grupos de jovens urbanos com gostos e comportamentos similares que são construídos sempre socialmente através de um processo dialético entre o indivíduo e o grupo social. Pensar essas batalhas como alheias a construção de identidade de seus organizadores e competidores seriam pensar fora de um aspecto mais amplo da cena de *rap* e sua divulgação através de veículos de mídia, a partir dos anos 90.⁴

As desigualdades sociais vivenciadas pelos jovens são criticadas por meio da arte nesse cenário. Mas também não tem apenas um caráter político, já que a platéia em geral não está lá para ‘fazer política’ mas para se divertir, o que não impede que isso seja um fato político por se tratar de uma ocupação das periferias do espaço do centro urbano para a reprodução da cultura jovem *hip-hop*. As batalhas se tornam parte da identidade dos sujeitos e da própria cena musical de londrina, para além dos veículos de grande mídia.

O conflito geracional que se configura aqui é um conflito entre a juventude londrinense e a própria cidade de Londrina, já que se pode observar o descaso da prefeitura com esse espaço e com os jovens que circulam por esses espaços pelo apagamento da arte urbana deste espaço e a crescente de opressão policial legitimada pelo poder executivo municipal.

⁴ Para mais, SILVA (2019, p. 23-4).

Referências

COLIMA, Leslie & CABEZAS, Diego. Análise do rap social como discurso político de resistência. *Bakhtiniana*, São Paulo, 12 (2): 24-44, Maio/Ago. 2017.

FORACCHI, Marialice M. *O conflito de gerações*. In: A Juventude e a Sociedade Moderna. São Paulo. Pioneira, 1972.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 13-41.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaco: Cultura popular e lazer na cidade*. 3ªed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

_____. Da Periferia Ao Centro: Pedacos & Trajetos. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, v. 35, p. 191-203, 1992.

_____ & TORRES, Lilian. Na metrópole: textos de antropologia urbana. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2000.

MANNHEIM, Karl: *O problema sociológico das gerações*. In: Mannheim (org.) Foracchi, Marialice M. São Paulo: Ática, p. 67-95. 1982.

MOTA, Alda Britto da. & WELLER, Wivian. Apresentação: A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. *Sociedade e Estado*. v. 25 nº 2. Maio/Agosto, 2010.

NOGAROLLI, Aparecida De Fátima Gonçalves Machado. Comunicação E Ressignificação Do Espaço Urbano: O Caso Da Praça De Bolso Do Ciclista E Seu Entorno No Centro Histórico De Curitiba. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Comunicação, Setor de Artes, Comunicação e Design). UFPR, 2016.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. *Arte, Representações E Conflitos No Meio Ambiente Urbano: O Graffiti Em Curitiba (2004-2009)*. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). UFPR, 2009.

SILVA, Ricardo Augusto Pires da. O Que Vocês Querem Ver? Sangue! - Uma Etnografia Do Circuito Das Batalhas De Rima Em Londrina. Trabalho de conclusão de curso (graduação em ciências sociais). UEL, 2019.